

Tática de Ulysses é um fracasso

Especialistas do Ibope alertam candidato: se ele não for às ruas, campanha está perdida

**ARIOSTO TEIXEIRA
e BIAGGIO TALENTO**

O candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, persiste numa estratégia de campanha que tem tudo para dar errado e levá-lo ao fracasso em 45 dias, se não for alterada imediatamente. Esta é a conclusão a que chegaram especialistas em marketing político do Ibope, consultados pelo comando da campanha peemedebista, pelo próprio Ulysses e por seu vice, Waldir Pires. Por isso, Waldir tomou a iniciativa de empurrar a campanha para as ruas.

O que mais prejudica Ulysses é seu índice de rejeição, que beira os 50% em todas as pesquisas, causado em parte pela associação que o eleitor faz dele com o governo Sarney. A tentativa de se desvincular do governo só tem piorado as coisas: o eleitor médio acha que Ulysses representará o continuísmo e sustenta essa premissa com o argumento de que ele assumiu o Planalto, no lugar do titular, 19 vezes "e não fez nada".

Outro erro da campanha está na identificação de Ulysses com o Congresso Nacional, que ele faz questão de enfatizar. O candidato se apresenta sempre como político, diz que tem orgulho de ser político e expõe, como trunfo sobre os demais candidatos, a liderança que exerce no Congresso. Ulysses afirma que a raiz da crise política está na renúncia de Jânio



César Diniz/AE- 5/7/89

Ulysses: rejeitado por 50% dos eleitores, nas pesquisas

Quadros, um presidente que "não tinha sustentação" parlamentar. E destaca: "Presidente sem apoio no Congresso não anda, desanda, tresanda, é aleijado".

O candidato do PMDB costuma sugerir que Fernando Collor de Mello, que ataca eleitoralmente os políticos tradicionais, por exemplo, se eleito, poderá se transformar no protago-

nista de uma crise sem precedentes na História da República. "Como alguém pode querer governar sem os políticos?", pergunta.

Os especialistas disseram a Ulysses que ele pode até estar certo em suas teorias, mas errado do ponto de vista eleitoral. Sua identificação com o Congresso provoca mais resistências que a ligação com o gover-

no. Ao contrário do que Ulysses imagina, os eleitores vêem nos parlamentares a principal fonte dos problemas nacionais.

De acordo com as avaliações, também está errada a opção de Ulysses de se reunir apenas com líderes, dirigentes e militantes do PMDB, na esperança de que cada um se transforme em cabo eleitoral. Depois de 50 dias de viagens a 12 Estados e de falar diretamente a delegações do PMDB de 1.600 municípios — o partido não conseguiu transferir para a sociedade o entusiasmo de suas reuniões fechadas. Os peritos acham que dificilmente isso acontecerá e o aconselharam a ir também para as ruas, buscar eleitores no corpo-a-corpo.

POR CONTA PRÓPRIA

A exemplo de Waldir Pires, a maioria dos peemedebistas baianos decidiu fazer campanha por conta própria no Estado. Um dos mais irritados com a falta de orientação da coordenação da campanha é o secretário de Justiça, Jutahy Magalhães Júnior, que considera "um desaforo" o PMDB perder no Estado. Outro que está disposto a "partir para a luta imediatamente" é o deputado estadual Gastão Pereira. Uma prova do descompasso da coordenação da campanha com os militantes ocorreu no fim de semana, em Salvador, quando um vereador reuniu representantes de 50 associações de bairro e inaugurou o primeiro comitê Ulysses-Waldir sem nenhum apoio do diretório regional. Waldir esteve na inauguração, mas Ulysses só apareceu na Bahia no dia seguinte.